

# Ainda e sempre psicodrama

Sergio Perazzo



*AINDA E SEMPRE PSICODRAMA*  
Copyright © 1994, 2019 by Sergio Perazzo  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Campos**  
Capa: **Santana**  
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

### **Editora Ágora**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

<i>Prefácio</i> .....	9
<i>Introdução – Ainda psicodrama</i> .....	13
1. O desenvolvimento da teoria do psicodrama no Brasil .....	21
2. Tele e transferência: nova revisão crítica .....	35
3. Percorso transferencial e ação reparatória .....	61
4. Paixão, criação e fantasmas: um preâmbulo .....	85
5. O caráter ambivalente das paixões: um aprofundamento psicodramático .....	89
6. Subjetividade e psicodrama: direção cênica da loucura .....	99
7. Entrelembro, entrelembra, em nosso demoramento .....	107
8. Riso, comédia, sorriso, gargalhada .....	119
9. Sempre psicodrama .....	133
<i>Notas e referências</i> .....	143

# Prefácio

A cultura subjacente à formação de psicólogos e psiquiatras, no século XX, organizou o comportamento expressivo, de modo a descompromissá-lo das divindades, em torno da ideia de uma maturidade casmurra, onde aparecem: o terapeuta como modelo exemplar, as relações chance-ladas pela impessoalidade, os indivíduos conformados a padrões sociais estáveis e corretos e a busca incessante do homem psicológico puro.

O psicodrama de J. L. Moreno chegou para revolucionar e subverter essa expectativa.

Trouxe a noção do desenvolvimento humano com alegria; ofereceu o contexto teatral para que toda existência subjetiva, da profética à desviada da norma, realize-se para se transformar; sugeriu o princípio da interação terapêutica, pelo qual um paciente é agente de cura do outro; incitou à espontaneidade como forma de liberdade, que é a expressão mais original de cada um; valorizou o social na formação da personalidade, por meio dos elementos operativos culturais do papel; e manteve a intenção de encontrar Deus dentro do homem, façanha incrivelmente atual.

Como desdobramento desses princípios, é importante registrar algumas conquistas do psicodrama para as atividades do psicoterapeuta.

Há muito tempo ele nos ensina a usar o método dialógico e a dramatização para “sustentar a relação” paciente-terapeuta, em vez das interpretações canhestras, selvagens e paranoides. Acolher o relacional é procedimento inserido, hoje, nas modernas psicoterapias. Ao mesmo tempo que aguçamos os ouvidos moucos, ele insinua o ânimo para usarmos os olhos de ver, de lince. A propósito, é interessante lembrar que Freud ouvia seus pacientes, transformando as palavras em imagens, para as quais olhava analiticamente, fazendo verdadeiro

“psicodrama interno”, cruzando a fala do cliente com as representações de seu próprio percurso afetivo-emocional. Para a discussão do tema “inconsciente”, o psicodrama tem oferecido o conceito de “coinconsciente”, subsídio dialético confirmado nas tarefas do dia a dia. Na essência de sua “gnose”, direciona-se para o interpósiquico, mas não fecha as portas ao intrapsíquico, faces que são de uma mesma moeda. Como proposta vital, não poderia fazê-lo — e seria ingenuidade supor que o fizesse. Mas o faz diferente, trabalhando com a imaginação, não no sentido de mera invenção, e sim como possibilidade de mudança do mundo, a partir do sujeito. Sua mensagem é clara: a força da imaginação é que torna as palavras irresistíveis e os gestos memoráveis. Dela nasce a ação cênica, em formas concretas e metafóricas, resultando a atitude criadora para a vida.

Entretanto, o psicodrama continua sendo uma provocação posta à nossa frente: disciplina árida, complexa e sem esperanças para alguns; exercício sensível, mágico e integrador para todos, quando todos se permitem ser dramaturgos, os diretores e atores criativos, os participantes. Na ânsia da aprovação acadêmica, temos tentado aproximá-los das psicanálises, o que nos leva à vertigem do gozo epistemofílico, à voragem das “escolas”, mas com retorno certo e marcado à situação não menos abismal da realidade clínica, do sujeito presente, carne e osso, desejos e conflitos. Para profissionais cartesianos, exigentes da relação causa e efeito, sequiosos de explicação, o psicodrama é trêmula luz. Mas é vértice iluminado para artistas e para os que acreditam no lúdico, no imaginativo e na criatividade como maneira de integrar os mundos interno e externo de nossa alma.

No círculo das psicoterapias, o psicodrama criou vias diversas, da ordem da psicodramaturgia, nas quais por meio da ação estética, da criação dos jogos, se transita das percepções — primeiras e elementares — à catarse de integração — percepção total e tética —, compondo o universo simbólico da organização sociopsicológica. São estradas novas para o psicólogo, o educador e o médico.

Quis dizer tudo isso, que todos estão cansados de saber, para situar Sergio Perazzo e seu livro, pois o vejo como cavaleiro destemido,

passando por essas veredas desafiantes de cabeça erguida, frente ativa, sem complexo de colonizado. Partindo da experiência clínica, ele dialoga, escreve, medita e teoriza (teorizar é pensar a prática feita). E o faz com paixão. Dizia Kierkegaard: “O que falta à nossa época [1830] é a paixão sobre a matéria da reflexão”. E um ponto chama a atenção no pensamento de Sergio: ele não se socorre de “autoridades” para respaldá-lo nas conclusões, nem ancora suas dúvidas em folhetins alheios. Faz formulações com base na vivência que lhe permite mostrar o muito de leite e mel a ser extraídos da pedra chamada psicodrama.

Seus textos, neste momento brasileiro do movimento psicodramático, catalisam a curiosidade, o afã de aprender, a sistematização de leituras, a elaboração de conceitos, enfim, a construção de um corpo de conhecimentos firme para a clareza das atividades. Na linha de produção dos vários capítulos, no “jogo da amarelinha”, ele “mexe” com o que escreveram ou opinaram, de alguma forma, os colegas da área. Crítica, valoriza, estimula, contesta, elogia, questiona com a melhor categoria intelectual. O capítulo sobre tele é exemplo da preocupação em examinar com minúcia as contradições de termos que se propõem dar conta de certa realidade.

Sergio Perazzo é incisivo ao postular que só mereça o título de psicodramatista “quem dramatiza sempre”. Pegou-me de raspão. Mas, como no meu trabalho de viés analítico-existencial são tantas as inspirações buscadas na obra de Moreno, fingi não me servir a carapuça.

Achei excelente a seguinte colocação: “Cada novo paciente continua precisando da forma de ajuda que melhor sabemos dar, mesmo que para nós ela possa parecer repetitiva. Ser psicoterapeuta é um eterno recomeçar”. Faço a citação não rente ao teor da página como jeito de reforçá-la, pois não se joga ao oblívio tal lição, é conselho útil para jovens e comumente lembrança para os que vamos embranquecendo os cabelos.

Por fim, não posso deixar de destacar a erudição do autor em suas letras e a sensibilidade de sua pena, já de início expondo a conhecida veia poética na oferenda às musas de sua vida.

Deste livro que prefacio com satisfação pode-se dizer: é produto maduro, denso, crítico (no jargão filosófico); não é para iniciantes, não

**Sergio Perazzo**

é para ser lido em diagonal; é para ser estudado e apreciado nos aspectos de sua radicalidade, para que se possa encontrar falhas e, assim, confirmá-lo com Popper.

Wilson Castello de Almeida

# Introdução — Ainda psicodrama

## **PALHAÇOS TRISTES**

Entre tantos significados de ainda — até agora, até o presente, até então, até lá, até, algum dia, novamente, mais, além disso, precisamente, afinal, mesmo, ao menos, ademais, nem mesmo — que dependem do verbo que se conjuga e da subordinação gramatical dos termos para se definir como advérbio de modo ou de tempo, escolho uma forma de permanência. Direis, talvez: “Ainda bem!”

Quem sabe, ainda, seja necessário afirmar que se permaneço insistente no cenário do psicodrama é porque ali encontro motivo e impulso para o desenvolvimento de minhas ideias, razão para o aperfeiçoamento e enriquecimento do meu trabalho e terreno para a expressão enxuta ou derramada dos sentimentos que envolvem o meu crescimento pessoal, em contraponto com os meus interlocutores, numa disposição compartilhada. Ou, quem sabe, poderia dizer que encontro ainda além de afirmar ainda?

“Não se esqueça do que um ser humano pode fazer você sentir”, diz a mãe ao filho, num filme, ao notar que o menino se arrepia pela primeira vez ao ouvir um dó de peito de um tenor, cantando um trecho de ópera no rádio.<sup>1</sup>

É assim, na busca reveladora do arrepio, que redescubro na cena psicodramática a emoção de estar vivo, ao constatar ora a harmonia, ora a ausência de afinação com uma ordem desordenada de eventos a que chamamos de relacionamento humano.

Onde quer que estejamos presentes podemos nos dar conta, como o menino do filme, de tudo aquilo que eu e o outro, nós, somos capazes de sentir e de fazer sentir, nem que seja pela ausência ou pela distância, intencional ou inadvertidamente. Ainda, sempre ainda.

É nessa via de mão dupla, onde transitam o desejo, a fantasia e a imaginação, que o psicodrama define o seu objeto e dá sentido à sua razão de existir. É no acender e no apagar das luzes da ação dramática que nos vem a sensação de plenitude ou de falta que nos dá essa certeza.

Mas, cá entre nós, será que sabemos mesmo onde acontece o psicodrama? Onde Moreno se encontra e nos encontra? Será no relacional, no intrapsíquico ou em ambos? Na interpretação ou na ação como método? No ato ou no processo? No vínculo individual bipessoal ou no grupo? Na ciência ou na arte? Qualquer definição será suficientemente abrangente para uma obra aberta?

Francamente, não sei por onde começar: se pelos jardins de Viena, se pela poltrona vermelha, se pelo teatro de Jorge e Bárbara, se pelas adolescentes de Hudson, se pela associação de prostitutas. Novamente os olhos nos olhos? As palavras do Pai? Escolho o ensaio, a crítica ou a poesia? Será que começo citando a Regina Monteiro, que afirma que “se observarmos o comportamento das crianças durante seus jogos, ele nos confirmará a impressão de que elas têm uma crença absoluta na realidade do que escolhem para brincar”, o jogo permitindo “ir a um mundo não real, ao mundo da imaginação”?<sup>2</sup> Ou me refiro à Camila Salles Gonçalves, que nos aponta que “a função primária da fantasia é a encenação do desejo” e que “a fantasia é a essência do teatro” e, portanto, “o conceito-chave da metodologia psicodramática”; e que “a fidelidade à intuição fundadora da metodologia psicodramática consiste na disposição para dramatizar sem saber”?<sup>3</sup> Ou ainda, por meio do “Psicossociodrama da Pietá”<sup>4</sup>, de Naffah Neto, tento demonstrar a linha tênue que separa psicodrama de sociodrama, drama privado de drama coletivo?

Decido pelo cenário em que a cena se desenrola: um circo. E do circo, o palhaço no picadeiro e a criança na plateia.

Deformemos essa cena com os olhos opacos do adulto que, como um prisma às avessas, decompõe, descolorindo, o espectro das cores brilhantes de um arco-íris em luz branca e mortiça. Por ela passam vários palhaços tristes. Os diferentes arlequins pungentes de Picasso, sérios e desconsolados. A arlequina de Apollinaire tocada pela morte<sup>5</sup>.

O palhaço agonizante de Henry Miller que só é feliz quando atrás da pintura é outra pessoa<sup>6</sup>. Os melancólicos palhaços fellinianos e bergmanianos como que arrastando a vida atrás de si. O trágico palhaço de Leoncavallo que soluça e canta uma ária de ópera. O palhaço tristonho do *Circo* de Sidney Miller, o palhaço charlatão que toda tarde de domingo chora, de Edu Lobo e Chico Buarque de Holanda; o de Egberto Gismonti, que, apesar de semeado de risos e gritinhos de crianças, nunca explode em gargalhada. E até Drummond, que em seu “A festa I – Carnaval de 1969” coloca “400 garis a postos para varrer o lixo da alegria”.<sup>7</sup>

Diante de tudo isso, eu pergunto: qual é o palhaço mais verdadeiro, o das crianças, olhando o picadeiro e batendo palmas, ou o palhaço corrompido dos adultos, sempre à procura da espontaneidade perdida? O que nos resta é tão somente o palhaço do desejo? Onde está a criança? Seria essa a pergunta que no íntimo todos nós fazemos, percorrendo toda a gama de emoções entre a confiança saudosa e o grito angustiado? Onde está a nossa criança? Viva, morta ou simplesmente adormecida? Prevalece a nossa criatividade sobre as nossas idiossincrasias? O que nos fica de Van Gogh, seus girassóis ou sua orelha? *O alienista* ou a epilepsia de Machado de Assis? *O idiota* ou as crises convulsivas de Dostoievski? *O carnaval* de Schumann ou o carnaval de seus delírios e alucinações? Por que não subverter a astronomia e a teoria da relatividade e cantar como Lorca: “Os relógios têm a mesma cadência e as noites têm as mesmas estrelas”?<sup>8</sup> Assim mesmo suspenso no tempo, entre parênteses?

Cada um de nós, como Mário de Andrade, se tornou “trezentos”. “Trezentos e cinquenta”. Múltiplos papéis. Múltiplos papéis distanciados da criança original sob a ação paralisante de um mundo de relações cada vez mais complexas e intrincadas, tanto numa perspectiva individual ou coletiva quanto inter-relacional ou política. Mas, embora eu possa ser até trezentos e cinquenta, “um dia afinal eu toparei comigo”<sup>9</sup>, como profetizou o pai de Macunaíma.

Anibal Mezher chega a afirmar que “‘democracia’ e ‘saúde mental’ são termos sinônimos e realidades interdependentes”.<sup>10</sup>

Luiz Henrique Alves define o projeto moreniano como o “instrumento de intervenção nas várias estruturas sociais, em uma perspectiva em que o indivíduo é colocado simultaneamente como sujeito transformador e transformado, inserido nas relações sociais”<sup>11</sup>.

E é o próprio Moreno quem nos diz:

O mais antigo e mais numeroso proletariado da sociedade humana se compõe de vítimas de uma ordem mundial insuportável, não terapêutica; é o “proletariado terapêutico”. Ele se compõe de pessoas que sofrem de uma outra forma de “miséria”: miséria psíquica, miséria social, miséria econômica, miséria política, miséria racial ou miséria religiosa.<sup>12</sup>

É sem sombra de dúvida que Moreno se dirige a esse proletariado, para quem ele criou o psicodrama e em que, de alguma forma, cada ser humano se inclui, como eu e você. É a esse Moreno que agora pergunto: “Cá entre nós, Moreno, onde está ou onde ficou o meu palhaço? Onde quer que você esteja, devolva imediatamente, inteiro, alegre, sorridente e colorido, o meu palhaço perdido, o meu palhaço de dever e de direito.”

### UM LIVRO-AMARELINHA

Parte desses palhaços tristes recuperei, outro dia, numa velha pasta empoeirada e esquecida num canto. São palavras que nunca publiquei, mas que refletem o que eu entendo como a própria razão de existir do psicodrama: o resgate do ser humano criador e criatura por sobre as vicissitudes do que Moreno chamou de “proletariado terapêutico”, capaz — até mesmo — de entristecer o sorriso do artista.

Assim como este texto, vários outros estavam dispersos aqui e acolá, em artigos isolados de revistas especializadas. Toda vez que alguém me solicitava a indicação de leitura, eu acabava ouvindo a reclamação posterior que definia como muito difícil ou impossível encontrar a fonte. Ora o número da revista estava esgotado e se perdera no tempo, ora não refletia mais, com exatidão, o que eu queria dizer sobre o assunto.

Surgiu assim a ideia deste livro e deparei, de repente, com a tarefa de escrevê-lo e de organizá-lo.

Metade dele é composto de escritos inéditos, recém-saídos do forno de minhas reflexões e de minha imaginação. A outra metade é um reaproveitamento de textos antigos. Alguns com poucos retoques. Outros quase totalmente reescritos e atualizados; estes me deram mais trabalho que os temas novos, chegando até, como no caso do capítulo sobre tele e transferência, a dobrar de volume. Mesmo entre esses trabalhos não inéditos, há alguns que, embora já tivessem sido apresentados uma única vez para um pequeno público, nunca tinham sido publicados e, portanto, são desconhecidos da maioria dos psicodramatistas. Por isso achei que valia a pena divulgá-los. Restou, então, a empreitada de dar sentido e unidade a esse conjunto de capítulos, de modo que se transformassem em um livro coerente. Isso se fez naturalmente e foi a razão pela qual deixei de fora outros artigos que, em meu entendimento, não teriam uma articulação harmônica com o mínimo denominador comum que perpassa as páginas que aqui ofereço ao leitor. Paciência! Quanto a esses outros, os de fora, ficam para uma próxima vez, condenados que estão, permanentemente ou por enquanto, à repetição xerox a xerox, versão moderna do boca a boca.

A organização natural deste livro não tem nada de misteriosa. Ela é apenas o resultado lógico da predominância de minhas preocupações teóricas nos últimos anos, no que diz respeito ao Psicodrama. Por isso o psicodrama ainda, voltado para o futuro.

O leitor perceberá com facilidade que uma das vertentes dessas preocupações é a própria direção que a teoria do psicodrama vem tomando e o questionamento de suas bases, questão que procuro levantar e discutir a partir desta Introdução, especificamente, no primeiro capítulo, que trata da história do seu desenvolvimento no Brasil, e no último, “Sempre psicodrama”, não por acaso primeiro e último.

Quanto à segunda vertente, cabe de início um preâmbulo:

Gostaria, primeiro, de me situar diante do leitor, declarando que a minha visão, fundada na minha prática de médico psiquiatra e psicoterapeuta, acaba privilegiando — é a minha tendência natural

— a dimensão da psicoterapia psicodramática (há grande discussão se se trata de psicoterapia ou de terapia), que é a minha maior experiência no campo profissional, em que pese minha atuação como professor-supervisor, quando todos nós sabemos que o psicodrama é mais abrangente e a ultrapassa com a sua atuação pedagógica e comunitária. Minha postura como psicodramatista, meu estilo, meu arsenal técnico e a forma de manejá-lo receberam as influências decisivas, principalmente, de Miguel Perez Navarro, José de Souza Fonseca Filho e Dalmiro M. Bustos. As influências teóricas de autores psicodramatistas são muitas, facilmente reconhecíveis e reveladas nos parágrafos deste livro.

Essa colocação se faz necessária porque é justamente a área de atuação específica do psicodramatista que acaba por determinar a direção do seu desenvolvimento teórico. Todos nós acabamos por tentar incrementar um foco restrito do saber psicodramático, o que muitas vezes dá a impressão de grandes desencontros de linguagem, quando o que acontece mesmo é a falta de definição do patamar do qual se fala.

Assim, há quem desenvolva os fundamentos filosóficos do psicodrama. Outros, por sua vez, estão preocupados com a sua técnica ou com a sua metodologia. Outros ainda, em fixar as bases que sustentam a sua teoria ou até com o que as define. E assim por diante. Chegamos então à segunda vertente de minhas preocupações psicodramáticas e ao porquê de tê-las classificado como meu caminho natural.

Não há como negar, analisando o conteúdo de minhas colocações através dos anos, que sempre acabo voltando para o terreno que demarca a interseção entre o inter-relacional e o intrapsíquico, ponto esse de possibilidades fascinantes e alvo recorrente de discussões sem fim no meio psicodramático. Não é à toa que meus estudos procuram caracterizar melhor e articular entre si conceitos tão sutis quanto transferência, tele, empatia, contratransferência, complementaridade de papéis, papel imaginário, papel de fantasia, papel psicodramático, equivalentes transferenciais, campo sociométrico, projeto dramático manifesto, projeto dramático latente, vínculo residual e papel complementar interno patológico, para dar alguns exemplos, na tentativa de

definir melhor os fenômenos que observamos gravitar nessa fronteira, que artificialmente delimita a atuação quer do psicodrama, quer da psicanálise. Meu esforço é o de ampliar essa compreensão por meio de um referencial psicodramático, sem fechar o inter-relacional e o intrapsíquico em compartimentos estanques e, portanto, incomunicáveis. Na verdade, a sua permeabilidade se presentifica pela construção e pelo desenvolvimento do conceito de papel, um dos pilares da teoria do psicodrama.

Assim, essa seria a diretriz e o ponto de contato entre os capítulos, que tratam de tele e transferência à subjetividade e aos êxitos e percalços da paixão. Em cada um deles, da introdução ao nono, eu trato especificamente de tais questões, às vezes usando um tema-locomotiva, ou discuto a própria teoria, ou preparo o caminho para um aprofundamento subsequente.

A forma como disponho os assuntos não impede que cada capítulo seja lido como algo independente, e aqui me inspiro em *O jogo da amarelinha*, de Júlio Cortázar<sup>13</sup>.

Na introdução dessa obra, o grande escritor argentino sugere uma ordem para a leitura dos capítulos. No entanto, a sua construção cuidadosa permite a qualquer pessoa a leitura em qualquer outra direção, dando a sequência que quiser, pulando capítulos para diante ou voltando para trás, num movimento divertido. Daí o jogo da amarelinha.

Como Cortázar eu também sugiro uma ordem para os capítulos, que o leitor aceitará ou não, podendo brincar à vontade com eles — um livro-amarelinha.

Se observarmos bem, eles poderão ser lidos também aos pares ou em trincas: o segundo com o terceiro, que tratam, por exemplo da transferência do ponto de vista da teoria e o da técnica; o segundo com o sétimo, que nos reportam à visão psicodramática de vínculo, aos quais também pode se acrescentar o quinto; o quarto com o quinto, paixão com paixão; o sexto com o sétimo, que falam da subjetividade; a introdução, com o primeiro e o último, que discutem a teoria psicodramática; o sétimo com o oitavo e o nono, que articulam ideias sobre psicodrama e imaginação; o primeiro, que introduz o segundo e

também faz dueto com ele; e assim, em diversas combinações, mais visíveis a partir da descoberta dos conteúdos de cada um, em que um representa um pequeno degrau teórico além do anterior e aquém do seguinte. Essa é a proposta que, de tão variada, facilmente pode lançar nossa imaginação no curso das combinações infinitas que o psicodrama nos proporciona e que por si só justificam — numa dimensão temporal — o porquê do “psicodrama ainda”, com a promessa do “sempre”.

# 1. O desenvolvimento da teoria do psicodrama no Brasil\*

*A José de Souza Fonseca Filho, que iniciou o movimento de organização e fundação da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap), sem o que certamente o processo de desenvolvimento teórico e prático do psicodrama brasileiro não teria ocorrido da forma tão ampla e produtiva como de fato aconteceu.*

Herdamos, talvez de nossos antepassados lusitanos, o gosto de esperar por reis desaparecidos em remotas batalhas de nomes mouriscos. Uma espécie de sebastianismo, aguardando a ressurreição impossível de um herói morto que desate o nó de todos os nossos impasses e receios.

Outra perspectiva, no mínimo curiosa, muito nossa, é a da nossa ideia de inverno, que é — até hoje — a imagem europeia ou norte-americana de neve, gravada dentro de nós pelos cartões natalinos plenos de renas, chaminés e cachecóis, muito diverso, por exemplo, do úmido e quente “inverno” amazônico e de nosso insistente verde tropical de ano inteiro, que não é abalado nem pela presença das hortênsias queimadas pelas geadas dos campos do Sul.

Conseqüentemente, até mesmo nossa realidade climática parece ter de se ajustar colonizadamente a um modelo não brasileiro de alternância das quatro estações, como se desenvolvimento tecnológico, renda *per capita*, PIB e tempestade de neve fossem tudo a mesma coisa.

\* O presente capítulo se refere à evolução da produção teórica brasileira de psicodrama até 1995. Depois disso, houve uma grande diversificação da produção psicodramática do Brasil.